

# Educação popular e economia solidária

Flander de Almeida Calixto<sup>1</sup>

## Resumo

Este trabalho é uma abordagem teórica das experiências de economia solidária, a partir do Projeto Artcon-Velas, atividade desenvolvida no Bairro Joana D'arc em Uberlândia-MG com um grupo popular que está organizando uma produção de velas religiosas para comercialização. Comentaremos alguns pontos da metodologia de educação popular utilizada e a fundamentação freiriana que a endossa, fazendo breves aproximações com a Psicanálise. Um segundo ponto abordado, sem aprofundamentos, refere-se à participação feminina como um fator diferencial entre os atores da economia solidária.

## Palavras-chave

Educação Popular. Trabalho. Economia Solidária. Atores Femininas.

**1.** Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, coordenador do Colegiado da Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: flander@ufu.br

# Popular education and solidary economy

Flander de Almeida Calixto\*

## Abstract

This work is a theoretical approach of the solidary economy experiences, from the Artcon-Candle Project, an activity developed at Joana D'arc district in Uberlândia City, MG with a popular group who is organizing a production of religious candles for commercialization. We are going to comment some points of popular education methodology that was used and the freirian basis that endorses it, making brief approaches with the Psychoanalysis. The second point approached, with no deepness, refers to feminine participation as a distinguishing factor between actors of the "solidary economy".

## Keywords

Popular Education. Work. Solidary Economy. Feminine Actors.

\* Doctor degree in Education by Universidade de São Paulo, coordenador of Collegiate of Incubadora de Empreendimentos Solidários of Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: flander@ufu.br

*Agora, eu, eu sei como tudo é: as coisas que acontecem, é porque já estavam ficadas prontas, noutra ar, no sabugo da unha; e com feito tudo é grátis quando sucede, no reles do momento.*

*A opinião das outras pessoas vai se escorrendo delas, sorradeira, e se mescla aos tantos, mesmo sem a gente saber, com a maneira da idéia da gente.*

*(ROSA, Guimarães. Grande Sertão Veredas).*

Este trabalho pretende enfocar dois aspectos que temos observado, em decorrência das ações implementadas pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da UFU-PROEX<sup>3</sup>. O primeiro deles diz respeito às experiências com a metodologia de educação popular que estamos desenvolvendo e o segundo, sobre a presença da mulher neste tipo de organização produtiva para geração de renda e desenvolvimento social.

A educação popular, na contemporaneidade, como criação humana, requer, para que sua dinâmica possa ser compreendida num registro subjetivo, uma comparação à topologia da “Banda de Moebius”<sup>4</sup>, posto que pretendemos concebê-la como uma categoria do conhecimento que se estrutura por um dentro e um fora do standard, no que se refere

à relação entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível, no campo do formal e do informal, em circuito dialético. Entendemos que estas instâncias (dentro e fora) delineiam-se por uma práxis na qual interagem: o sujeito, a leitura de mundo, as coisas faladas por cada um e o que é falado por todos, considerando suas dimensões contraditórias: palavra verdadeira e palavra oca (FREIRE, 1987).

Propomos entender a educação popular como um complexo desejo de saber que interliga dimensões da elaboração dialógica, no coletivo cognoscente, sem descartar a singularidade do sujeito e sua subjetividade. Tradicionalmente<sup>5</sup>, é a educação popular uma criação da cultura de populações apartadas dos benefícios criados pela civilização que, em meio ao cotidiano desigual e fragmentado, é impulsionada pela necessidade de sobreviver, com a determinação de superar sofrimentos de sua condição de “ser menos” (FREIRE, 1987, p. 30), consequência de uma ordem social perversa.

A nosso ver, esse sofrimento da apartação<sup>6</sup> é um gerador de angústia. Tal angústia, por sua vez, atua como fator desencadeante da invenção que Paulo Freire denominou “saber-de-experiência-feito” (2003, p. 59), um

**3.** Atualmente denominado CIEPS - Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da UFU, com financiamento público do PRONINC-MDS.

**4.** Banda de Moebius - Imagine um cinto de duas cores, preto de um lado e branco do outro lado. Se o traje pede preto, coloca-se o lado negro do cinto para fora, visível, ficando a parte clara escondida. Agora imaginem o seguinte: quando você for fechar o cinto, ao invés de fechá-lo como se faz normalmente, você decide torcer em 180 graus uma das extremidades. Depois dessa torção você fecha o cinto. No entanto, antes de desfazermos essa torção, observem a figura criada. Se vocês olharem com atenção, perceberão que, se percorrermos o lado branco do cinto, vamos chegar no lado negro (e vice-versa) e continuando retornaremos ao ponto de partida, o que implica dizer que o cinto fechado dessa maneira só tem um lado (apesar das duas cores), o que não ocorre com o cinto fechado tradicionalmente, que possui dois lados, o de dentro e o de fora. Pois bem, esse cinto torcido é uma figura geométrica tridimensional que pode ser expressa através de uma fórmula matemática. A figura ficou conhecida como curva ou banda de Moebius, em homenagem ao matemático que criou a fórmula e estudou suas propriedades singulares. A banda de Moebius ficaria restrita ao círculo dos matemáticos se Lacan não a tivesse trazido para o mundo da Psicanálise, ganhando então destaque como modelo de representação de nossa psiquê. Conforme a banda nos mostra, não podemos fazer distinções polares (do tipo interior/exterior, sanidade/loucura, bem/mal, certo/errado, amor/ódio) simplesmente porque não há distinções. Lembrem-se que a banda é uma moeda de um lado só.

<<http://www.funke.com.br/zantina/palestras/2005/bandademoebius.htm>>. Acesso em 06/08/2008.

**5.** Não queremos dizer que só grupos apartados fazem educação popular, mas que em contextos que temos vivenciado as experiências predominam tal característica.

**6.** BUARQUE, Cristovam. **A segunda abolição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

saber que o sujeito em princípio “não sabe” que sabe, como e de onde vem, ou como se estrutura, mas, que lhe torna familiar quando é eligido em ato pela “palavra verdadeira” que é trabalho, que é práxis (FREIRE 1987, p. 77).

Comentamos esse momento de invenção quando da experiência de Freire com a educação popular, na descoberta do educando Joaquim associar as sílabas que compunham o nome de sua mulher “Nina”. A pesquisa de Joaquim entre letras e sílabas que eram desconhecidas, lhe permitiu avançar numa construção da sua vida cotidiana, por meio do processo simbólico da escrita. Não é uma ordem metafísica que o “codifica e decodifica, mas, o contexto de uma ‘psicanálise histórico-sociocultural e política’” (FREIRE, 2003, p. 56), pois, quando este saber passa ao plano consciente pela palavra (simbólico), o sujeito emerge de um “mutismo” consentido para interagir com o mundo, transformando-o, seja nos campos político, material ou cognoscente. Em contato com sua descoberta, pode o sujeito, num primeiro momento, não ter elementos para teorizar o evento (simbólico), mas, à medida que, (segundo momento) pronuncia o mundo com os demais e consigo próprio, oraliza o verbo duplo “falar-pensar” (FREIRE & MACEDO, 1990, p. 123) e vai criando circuitos lógicos para tecer o que era tido por mito ou não conhecido, ou difícil.

Julgamos importante introduzir um conceito psicanalítico que está ligado à pulsão e ao potencial humano para invenção. Referimo-nos ao “*objet petit ‘a’*” ou também nomeado por “resto” que, a nosso ver, resgata o que Freire (por outro circuito) apontou na

perspectiva da invenção como “saber mais”. Lacan, em Escritos, afirma: “é o mundo das palavras que cria o mundo das coisas” (LACAN, 1998, p. 277) e nos baseamos nesse aforismo para pensar a potencialidade criadora da palavra no círculo de cultura, onde, a princípio, se elabora a transformação do mundo (dimensões micro e macro), entendendo mundo como espaço de fala de onde advêm o “inédito-viável” (FREIRE, 1987, p. 107).

É importante ressaltar que, o campo do saber (conhecimento elaborado) não é facilitado ao alcance do sujeito excluído, ele se vê obrigado a criar o novo do aparente “nada”. É a acentuada privação que é reinvertida de angústia a invenção, materializando-se em “saber mais”. O conhecimento que possibilita a cidadania não se estruturou dentro dos circuitos da organização social formal, por isso, é criado por circuitos de invenção. O sujeito em angústia cria “saber mais” (FREIRE, 1987 p. 30) para agregar ao seu “saber pouco”, respondendo à demanda gerada pela angústia e assim, inventa processos ou artifícios que compõem um saber novo que é trabalho.

Gadotti (2001, p. 132), comentando a associação do ato produtivo com o ato educativo em Marx, afirma que o trabalhador só pode estudar trabalhando, daí a necessidade de pensar a ação-reflexão nos empreendimentos, como saber-mais fazendo o trabalho mediador de saber. Este esforço brutal que realiza de si e com seus pares, em relação dialógica com o mundo, cria um circuito de insistência pulsional que o leva a bordejar o “resto”<sup>7</sup>, o resto lacaniano, também chamado de indizível ou real — um lugar que

**7.** Lacan chama de objeto ‘a’ a causa do desejo, (...) o desejo do homem de ser desejado pelo Outro, revela o desejo do Outro como objeto ‘a’ (...) A criança gostaria de ser o único objeto de afeto da mãe, mas o desejo desta vai quase sempre além da criança: há algo sobre o desejo da mãe que escapa à criança. (...) Uma identidade estreita entre o desejo da criança e o da mãe não pode ser mantida; a independência do desejo da mãe do desejo da criança cria um corte entre elas, uma lacuna a qual o desejo da mãe, in compreensível para a criança, funciona de uma maneira singular. (...) um corte é induzido na unidade hipotética mãe-criança devido a própria natureza do desejo, e é esse corte que leva ao advento do objeto ‘a’. O objeto ‘a’ pode ser entendido aqui como o resto produzido quando essa unidade hipotética se rompe, como um último indício daquela unidade, um último resto desta unidade (FINK, 1998, p.82).

jamais se revela, porém, pulsa da dimensão do inconsciente, entre um “abre e fecha” (LACAN, 1979, p.136). Movimento este que permite lampejos de captura pelo sujeito, brotando na fala, que ascende do plano inconsciente ao consciente, avessamente por um fora do sentido de saber e constituir-se em “saber mais”.

Na busca pelo saber, decorrente de uma falta, da “falta-a-ser” que gera angústia de privação, jamais o sujeito completa-se; insistindo no que Freire afirma ao longo de toda sua obra: a incompletude do sujeito. O conjunto destes elementos é mixado numa engenharia dialógica que Freire (2002, p. 111), nas suas pedagogias, nomeia por “círculo de cultura”. Calixto (2007, p. 64) destaca o foco do “projeto de educação” freiriano, que, em sentido amplo, poderia ser percebido como um projeto cultural que desliza pelo seu adentramento na práxis, ao resgatar no educando a oportunidade da voz para “dizer a sua palavra”, ato fundante de descoberta, de invenção, do inédito-viável, a escuta do dito. Podemos capturar no que Freire (1987, p.180) nomeou por síntese cultural, ou seja, o processo vivenciado ao longo dessa trajetória, em que fomos identificando os elementos constitutivos da ação dialógica: a co-laboração, a união, e a organização.

A segunda característica marcante da educação popular na atualidade, em especial nas experiências de economia solidária, é a presença determinante do feminino. A mulher é um ator singular destes processos, protagonizando a maior parte das ações objetivas ou tendo papel decisivo na sua implementação e desenvolvimento. Há na presença feminina, no contexto da produção um texto velado, uma quantidade de pistas que pretendemos investigar em futuro próximo e que para os termos deste trabalho não teríamos consistência para declinar em conjecturações. Todavia, é notória a presença feminina nos empreendimentos de

economia solidária e, a nosso ver, será a mulher que vai protagonizar as mudanças de estrutura no modo de produção nos próximos anos, mas, nada que se configure com o “discurso do ‘mestre’”. E de modo especial, a crescente presença de corpo do “dizer a sua palavra”, que Freire enfatiza de modo veemente em seus textos, é constatada nas atividades dos círculos de cultura em que elas são predominantemente falantes. Nas formações de economia solidária há uma voz feminina dizendo a sua palavra, o que não quer dizer que a opressão masculina deixou de existir, pois tivemos um empreendimento em que os maridos proibiram as mulheres de continuar as formações.

Ana Maria Freire, em sua obra *O analfabetismo no Brasil*, identificou que de longa data, a “interdição do corpo” foi um fator de subalternização de gênero na história brasileira, a começar pela educação:

Os homens de então eram suficientemente manhosos para interditar à mulher o acesso aos ‘espaços pecaminosos’. Afastando-a de certas áreas do saber perpetuavam sua submissão e negavam-lhe a possibilidade de divisão dos trabalhos de maior prestígio social (FREIRE, 1993, p. 112).

Podemos perceber, na economia solidária, um forte apelo para romper com a opressão entre as mulheres e buscamos outra fala freiriana que nos remete a situações contraditórias que envolvem o sujeito, produzindo uma aderência ao fato e, paralelamente, trazendo a evidência do fatalismo sobre suas vidas. Freire (1987, p. 94) chamou tais circunstâncias de **situações-limites**, em que as mulheres “as percebem como um obstáculo que não podem transpor, ou como algo que não querem transpor ou ainda como algo que sabem que existe e que precisa ser rompido”<sup>8</sup>. As situações-limite foram intensificadas na “modernidade fluida”<sup>9</sup> devido

8. Cf. Ana Maria Freire, 1993, p. 205.

9. Cf. Bauman, 2001, p. 15.

à expropriação acentuada pela globalização e provocaram efeitos na relação da mulher com o privado e o público ao ponto de deslocá-la de seu lugar-menos, no que se refere à vida pública.

Pensamos que a interdição do corpo é um desses “algo que precisa ser rompido” e percebemos o fenômeno se dando na economia solidária em escala planetária, não somente visível no Brasil como em outras partes do mundo em que as situações limite vão sendo rompidas. O caso do Banco *Grameen* em Bangladesh é um exemplo que demonstra a presença do feminino no centro da ação de mobilidade social. Embora deva se atribuir à genialidade de Muhammad Yunus<sup>10</sup> o empreendimento econômico que deu dignidade a milhares de mulheres indianas e de outros países pobres na Ásia, podemos observar, em depoimento que consta no seu livro *O banqueiro dos Pobres* (2000), que foi sua aproximação na infância e na juventude com tarefas, que na sua cultura são tradicionalmente femininas, que lhe permitiram capturar o lado feminino da opressão.

Com esse olhar, desenvolveu, por meio de uma tecnologia de microcrédito, possibilidades de mobilidade social e dignidade humana para muitas mulheres. Na verdade, o invento de Yunus é sucesso incontestável, mas porque a mulher é a referência de êxito no seu empreendimento. E, mais uma vez podemos constatar que é o trabalho, a forma de fazer o saber emergir para transformar as vidas oprimidas.

Ser pobre em Bangladesh é duro para todo mundo. Mas é pior ainda quando se é mulher. E quando as mulheres vêm surgir uma possibilidade, por modesta que seja, de sair da pobreza, elas se revelam mais combativas que os homens (YUNUS, 2000, p. 116).

(...) a aldeia se ligará ao mundo inteiro graças a uma mulher pobre que utilizará o meio de comunicação mais moderno para ganhar a vida e sair da pobreza (idem, p. 307).

A economia solidária, na experiência que temos vivenciado, seja no campo ou na cidade, vem se construindo com homens e mulheres; mas, a mulher, tem conquistado um espaço que em outros tempos na história das relações sociais de produção não fora assumido. As posições de decisão na gestão dos empreendimentos e as habilidades de invenção de processo e modelos de trabalho, a capacidade de projetar simbolizar processos, características da ação de labor masculina, agora são protagonizadas pela mulher dos tempos hipermodernos, para retomar o termo de Gilles Lipovetski (2004).

Em nossa atuação junto aos empreendimentos solidários, nas ações da Incubadora, podemos testemunhar a escuta das vozes femininas crescendo nos coletivos de formação, atuando nas decisões, demonstrando uma curiosidade libertadora e, numericamente, nossa experiência se origina de um coletivo predominantemente feminino.

Nossa hipótese é que a economia solidária, que vem com uma proposta diferente daquilo que o mercado ofereceu até o final do século XX, traz no compasso das mudanças, que subjaz esse modo de organização do trabalho, no paradigma feminino, o sinal da transformação ou o início da transformação do processo de trabalho. O trabalho está desconstruindo-se da masculinidade para reconstruir-se na feminilidade sem excluir o masculino, mas este último é só o falo do mundo vertical e industrial. É na falta, na inconclusão humana, neste susto da vida horizontal que a possibilidade de “um outro mundo possível” quer se estabelecer. A mulher viu isso da sua subalternidade, acreditou que podia ir ao mais além edipiano. Ela se implicou com seu ato de “ser social” e encontrou-se com a vida.

A equipe da Incubadora de Empreendimentos Solidários da UFU tem dirigido seus esforços para concretizar ações políticas, a partir do trabalho como acesso

**10.** Prêmio Nobel da Paz 2006.

ao saber, ao experimentar o processo de organização sob a ótica da economia solidária, valendo-se metodologicamente de recursos e estratégias da educação popular. Conta com apoio institucional importantíssimo que, pela nossa experiência, torna-se visível no resultado de uma Nova Universidade que incorpora a educação popular na ordem das categorias do conhecimento aplicado nas atividades de extensão universitária. É neste formato cooperativo que as ações são co-pactuadas no paradigma da “comunicação”, como situação gnosiológica das ações de “empowerment”<sup>11</sup>

com os grupos para produção “tomando o homem e mulher a quem serve como centro da discussão”<sup>12</sup> (FREIRE, 1977, p. 16). É no ato decorrente da palavra escrita, no texto do contexto de trabalho a que nos referimos; pois, as ações assumem sua expressão dialógica de síntese cultural. Entendemos o paradigma da comunicação como uma proposição da Universidade Popular em pactuação com a comunidade, posto que a intersubjetividade (sujeito-objeto) ou a intercomunicação (diálogo-política) formam a síntese cultural primordial no mundo de “palavração” e de *poiesis* (criação).

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BUARQUE, Cristovam. **A segunda abolição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- CALIXTO, Flander de Almeida. **A palavra em Paulo Freire e a palavra em Jacques Lacan**. 2007. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2007.
- FINK, Bruce, **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FREIRE, Ana Maria A. **Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou e como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipinas, Madalenas, Anãs, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez, 1995.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Bacarolla, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O Seminário**. Livro 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

**11.** *Empowerment* - vocábulo inglês, sem tradução para o Português, refere-se a um conceito central no livro *Medo e Ousadia*. Muitos autores citam a palavra “empoderamento” aportuguesada do espanhol. Designa por ativar a potencialidade criativa de alguém, ato social, psicológico e político.

**12.** Tomei a liberdade de incluir a palavra (mulher) na citação, apesar do texto original não contê-la, mas, seguindo o próprio pedido de Freire que devíamos reinventá-lo, e, ainda, mesmo em vida, após a passagem por Harvard, Freire adotou a linguagem de gênero como um reconhecimento devido a linguagem sexista que ele próprio reconheceu na *Pedagogia do Oprimido*.

PERLINGEIRO, Alexandre. **A (verdadeira) Banda de Moebius**. Disponível em: <<http://www.funke.com.br/zantina/palestras/2005/bandademoebius.htm>> Rio de Janeiro: Zantina, 2005. Acessado em: 06 ago. 2008.

STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

YUNUS, Muhammad. **O banqueiro dos pobres**. São Paulo: Ática, 2000.

Recebido em 11 de novembro de 2009.  
Aprovado em 10 de maio de 2009.